

## Defensivos

## 2007, o ano da virada?

Evaristo M. Neves\*  
Guilherme Signorini\*\*

OS ANOS de 2005 e 2006, nos setores de grãos, cereais e fibras foram considerados anos desastrosos para os produtores, em decorrência:

- Grau elevado de endividamento;
- Valorização do real (R\$) provocou um descasamento cambial no momento de compra dos insumos e venda dos produtos;
- Logística ineficiente;
- Altos custos dos fretes;
- Preços internacionais declinantes;
- Maiores produção e oferta em outros países produtores.

As frustrações pós-2004 induziram reduções nas áreas plantadas de soja, algodão, trigo e arroz, bem como retração na demanda por insumos. Com isso, os defensivos agrícolas sofreram reduções nas vendas e nos preços.

De forma semelhante a em 2005, em 2006 as vendas de defensivos agrícolas no mercado interno apresentaram queda em relação a 2004, o ano de melhor faturamento para a indústria de defensivos agrícolas nesta década.

Na análise do quinquênio de 2002 a 2006, o ano 2006 superou em faturamento os anos de 2002 e 2003, mas foi inferior aos de 2004 e 2005. As quedas relativas foram sentidas, em escala decrescente, nos fungicidas, herbicidas, acaricidas e em outros como antibrotantes, reguladores de crescimento, óleo mineral e espalhante adesivo.

Em 2006, a classe de defensivos com menores quedas foi a de inseticidas no comparativo a 2005, mas com variação positiva em relação a 2004. A queda mais sentida com fungicidas deveu-se ao menor uso no combate à ferrugem da soja e na retração

## Evolução dos preços dos principais defensivos no Brasil

Classe de defensivo	Variação
	Janeiro 07/Janeiro 06
Herbicidas	-10,98%
Fungicidas	-8,98%
Inseticidas	-12,60%

Fonte: Conab/Ministério da Agricultura

## Dispêndio de defensivo pela área total plantada (US\$/ha)

Cultura	2004	2005	2006
Soja	94,89	81,66	68,56
Algodão	373,24	347,85	451,45
Milho	25,31	26,88	23,39
Cana-de-açúcar	44,60	62,55	79,82
Trigo	55,50	45,97	48,48
Laranja	160,80	201,67	208,22
Café	52,95	81,29	82,30
Arroz	25,89	21,41	24,35

Fonte: IBGE/Sindag

na área plantada com esta oleaginosa em 2006 na comparação 2005 a 2004.

Segundo a Secretaria da Agricultura, no Mato Grosso, no controle da ferrugem foram feitas, em média, 2,5 aplicações na safra 2006/07, enquanto na anterior foram realizadas 3,5 aplicações. Acrescente-se ainda o fato de que os defensivos agrícolas no Brasil, na média, caíram de preços no comparativo janeiro 2007/janeiro 2006.

Quando se toma a participação das oito principais culturas em termos de dispêndios com defensivos agrícolas, verifica-se uma queda em 2005 e 2006. Essa baixa foi puxada principalmente pela soja e, em

menor proporção, pelo algodão, trigo e arroz. O crescimento das vendas de cana, laranja e café não foram suficientes para mudar o resultado.

Em termos percentuais, a cultura da soja, que chegou a representar quase a metade dos gastos totais com defensivos agrícolas no País em 2004, teve queda em 2005 e 2006, e praticamente igualou o nível verificado em 2002. Por sua vez, a cana-de-açúcar ganhou espaço, com aumento em 2004, 2005 e 2006, desbancando o algodão, que ocupava o segundo lugar. No conjunto, as três culturas absorveram 61,3% do gasto total com defensivos em 2006. Em quarto lugar aparece o milho, seguido pelo café e pela laranja. As seis culturas representaram 77,9% do total de compras de defensivos pelos produtores brasileiros em 2006.

## Área plantada e gastos

As causas apontadas anteriormente refletiram negativamente no fluxo de caixa dos produtores e induziram quedas nas áreas plantadas com soja, arroz, trigo e algodão na safra 2006/07 em relação à anterior. Nesse período houve acréscimos experimentados pelo milho e cana-de-açúcar, principalmente. Segundo o FIBGE, nessas oito culturas maiores consumidoras de defensivos agrícolas no Brasil, a queda em 2006 em relação a 2005 foi de 1,635 milhões de hectares.

A queda na área plantada em parte das principais culturas induziu também um uso menor de tecnologia, com menos aplicações e menor utilização da quantidade de insumos. Por sua vez, culturas com preços atrativos, principalmente as voltadas para o mercado internacional, levaram os produtores a um gasto maior com aplicações dos insumos básicos na busca de elevar a produção.

No caso particular dos defensivos, os seus dispêndios por unidade de área podem ser avaliados pela relação entre gastos totais com defensivos e a área total plantada com as oito culturas.

Apesar desses valores relativos serem vistos com certa cautela, pois foram obtidos de fontes diferentes – Sindag para os dispêndios totais com defensivos e

**Brasil: dispêndios com defensivos agrícolas (US\$ milhão)**

Classe de defensivo	2002	2003	2004	2005	2006
Herbicidas	987,6	1.523,7	1.830,7	1.735,8	1.674,3
Fungicidas	360,4	713,5	1.388,2	1.089,5	917,4
Inseticidas	467,8	725,2	1.066,6	1.180,7	1.129,0
Acaricidas	72,1	80,0	78,0	82,7	70,4
Outros *	63,9	93,8	131,5	154,9	128,7
<b>Total</b>	<b>1.951,8</b>	<b>3.136,3</b>	<b>4.494,9</b>	<b>4.243,7</b>	<b>3.919,8</b>

Fonte: Sindag. \* Antibiotantes, reguladores de crescimento, óleo mineral e espalhante adesivo.

**Brasil: dispêndios com defensivos agrícolas pelas principais culturas (US\$ milhão)**

Culturas	2002	2003	2004	2005	2006
Soja	742,9	1.387,0	2.221,7	1.872,6	1.505,5
Algodão	177,3	324,6	471,4	436,2	405,4
Milho	152,6	265,0	308,4	310,4	295,0
Cana-de-açúcar	224,6	250,9	292,9	362,2	493,7
Trigo	68,0	106,8	156,0	108,4	74,7
Laranja	115,8	133,1	144,4	162,3	167,2
Café	47,3	88,5	134,5	188,6	191,6
Arroz	47,8	84,9	103,7	83,9	72,3
Outros	375,5	495,5	661,9	719,2	714,4
<b>Total</b>	<b>1.951,8</b>	<b>3.136,3</b>	<b>4.494,9</b>	<b>4.243,7</b>	<b>3.919,8</b>

Fonte: Sindag

**Brasil: dispêndios com defensivos agrícolas pelas principais culturas (%)**

Cultura	2002	2003	2004	2005	2006
Soja	38,1	44,2	49,4	44,1	38,4
Algodão	9,1	10,3	10,5	10,2	10,3
Milho	7,8	8,5	6,9	7,3	7,5
Cana-de-açúcar	11,5	8,0	6,5	8,5	12,6
Trigo	3,5	3,4	3,5	2,5	1,9
Laranja	5,9	4,2	3,2	3,8	4,2
Café	2,4	2,8	3,0	4,4	4,9
Arroz	2,5	2,7	2,3	1,9	1,8
Outros	19,2	15,9	14,7	17,3	18,2
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Sindag

Fibge para a área plantada –, eles expressam atitudes tomadas pelos produtores como respostas aos preços vigentes.

Por exemplo, os gastos relativos à soja caíram de 2004 a 2006. É um indício da reação do sojicultor diante da queda dos preços internacionais, do endividamen-

to doméstico, das condições climáticas adversas em algumas regiões produtoras do menor número de aplicações no combate à ferrugem da soja. Por sua vez, com preços mais atrativos no mercado internacional, os produtores de cana-de-açúcar, café e laranja foram estimulados

a usar melhor tecnologia no controle de pragas e moléstias. O fato de o algodão apresentar um gasto maior por hectare deveu-se à queda substantiva na área plantada e à reação dos preços com uso de melhor tecnologia e cuidados culturais mais adequados.

**Tendências para 2007**

Para o Sindag, a perspectiva de vendas domésticas de defensivos para este ano é de crescimento ao redor de 10% em função da maior demanda, do crescimento de área plantada e da elevação de preços de alguns defensivos, recuperando os valores mais baixos praticados em 2006 em função das dificuldades dos produtores (endividamento e preços menores de algumas *commodities*).

A recuperação poderia ser melhor, mas a inadimplência dos sojicultores ainda é elevada, com uma participação relativa na dívida dos produtores brasileiros que beira os US\$ 2 bilhões.

No setor de defensivos, a esperada demanda crescente deverá vir como resposta ao crescimento na área plantada com algumas culturas, principalmente com cana-de-açúcar.

Em 2007, deve haver ainda um crescimento no faturamento de defensivos genéricos, com a entrada de quatro das maiores empresas chinesas no mercado nacional. Com pedidos de registros de produtos no governo brasileiro, as companhias poderão fazer parcerias com empresas nacionais para distribuição e agilização das vendas.

Entre 2000 e 2006, segundo o Sindag, o número de produtos formulados importados da China passou de 68 em 2000 para 117 em 2006, enquanto o total de princípios ativos formulados nas fabricas brasileiras passou de 235 para 242.

Para a Associação Nacional de Defensivos Vegetais (Andef), o ano de 2007 deve compensar os anos adversos de 2005 e 2006, com leve recuperação. Expectativas mais otimistas são depositadas em 2008, para voltar ao bom ano de 2004. ■

\* Prof. Titular Esalq/USP

\*\* Engenheiro Agrônomo, Esalq/USP